

Psicologia

SEM FRONTEIRAS: OS PROCESSOS DE TRANSFERÊNCIA NO EMPREGO E SEUS IMPACTOS PARA A FAMÍLIA¹

DENISE CHIAPPA, DEBORAH FASSBENDER, NINA PAULA PEREIRA²

Resumo: As mudanças decorrentes da abertura dos mercados e as rápidas transformações tecnológicas trouxeram para as organizações a necessidade de repensar e reformular suas práticas, conduzindo a uma série de implicações na vida do trabalhador. O objetivo deste artigo é indicar alguns eixos das transformações contemporâneas no mundo do trabalho e seus impactos na vida dos indivíduos, tomando como foco os processos de transferência no emprego. De forma mais específica, buscou-se compreender as implicações que a mobilidade geográfica dos profissionais causam para a família, para carreira do cônjuge, para os vínculos sociais e, conseqüentemente, para a construção da identidade, além das estratégias de enfrentamento que os sujeitos utilizam diante dessas situações.

Palavras-chave: Relações de Trabalho. Transferência de emprego. Identidade. Impactos para família.

Abstract: The changes resulting from the opening of markets and rapid technological changes brought the need for organizations to rethink and reformulate their practices, leading to a great number of implications to the employee. The aim of this paper is to indicate some ways of contemporary transformations in the labor's world and its impact on the lives of individuals, focusing transfer process in employment. More specifically, we sought to understand the implications that the geographical mobility of professionals cause for their family, for spousal career, for social bonds and, consequently, for the construction of identity, beyond the confrontation strategies that subjects use in such situations.

Keywords: Labor Relations. Transfer of employment. Identity. Impacts to family.

1 Artigo elaborado como requisito parcial para avaliação final do Curso de Especialização em Psicologia Organizacional da UNIFACS.

2 Autoras alunas do Curso de especialização em psicologia Organizacional da UNIFACS

1 INTRODUÇÃO

A partir das últimas décadas têm surgido muitas pesquisas e discussões a respeito dos estudos e teorias que compreendem as mudanças no mundo do trabalho. A implementação do modelo neoliberal culminou em novos processos de trabalho como a flexibilização, o redesenho organizacional, o *downsizing*, as equipes de trabalho, o *empowerment* e as redes organizacionais.

Em decorrência disso, observam-se novas práticas e maneiras de se perceber o trabalho. As empresas estão cada vez mais preocupadas em estabelecer uma base global para seus negócios. As mudanças decorrentes da abertura dos mercados e as rápidas transformações tecnológicas trouxeram para as organizações a necessidade de repensar e reformular seus modos de trabalhar por meio de rearranjos organizacionais que conduzem a uma série de impactos no trabalho e para o indivíduo. Dentre esses novos ajustes, encontram-se os processos de transferência, a necessidade da mobilidade geográfica de profissionais para

atender às demandas do mundo globalizado.

Analisando essas transformações econômicas, Sennet (2008) vai questionar as relações de trabalho no mundo contemporâneo e suas implicações nos valores pessoais como a lealdade e os compromissos mútuos. Como definir, então, nossos traços pessoais em uma sociedade onde tudo é efêmero e o poder de se ajustar a qualquer meio é considerado como valor? Partindo da ideia de que a construção da subjetividade depende de vínculos duradouros e relações estáveis, pode-se pensar na dificuldade de se construir uma identidade em um capitalismo flexível, onde não há metas em longo prazo e em uma sociedade onde as instituições vivem se desfazendo ou sendo continuamente reprojatadas.

A aparente liberdade dada ao trabalhador na verdade colocou-o ainda mais sob o comando do capitalismo. O indivíduo já não domina mais o que faz, não tem mais controle sobre seu emprego, está constantemente mudando de área, de empresa, de função e já não possui vínculos fortes com suas tarefas e com seus colegas. A

ausência de apego ao longo prazo com seu trabalho, a não formação de laços duráveis acabou flexibilizando e por fim corrompendo o caráter (Sennet, 2008).

A atualidade se caracteriza assim pela capacidade imediata, pelo risco e pela alienação completa do sujeito, “não se mexer é tomado como sinal de fracasso, parecendo a estabilidade quase uma morte em vida” (Sennet, 2008, p.108). No entanto, mudar o tempo todo faz a pessoa se esquecer da realidade a qual pertence. Deste modo, os indivíduos se vêm esvaziados moral, social, cultural e politicamente. As relações humanas se tornam uma simulação teatral, relações sem poder, sem autoridade e a construção de uma história de vida que una as pessoas fica impossibilitada, pois não há padrão e nem responsabilidade. As pessoas estão sujeitas ao sentimento de fracasso.

Diante da instabilidade e de um contexto extremamente mutável, surge a exigência de recorrentes ajustes e reorganizações, onde o indivíduo precisa rever e reformular seu modo de viver e conviver, além de

redefinir sua identidade, tanto no plano individual quanto no social.

Neste sentido, este artigo visa a indicar alguns eixos das transformações contemporâneas no mundo do trabalho e seus impactos na vida social dos indivíduos. Tomaremos como foco os processos de transferência, ou seja, as implicações que a mobilidade geográfica dos profissionais causam para a família, para carreira do cônjuge, para os vínculos sociais e, conseqüentemente, para a construção da identidade, além das estratégias de enfrentamento que os sujeitos utilizam diante dessas situações.

2 A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO E SUAS (RE)CONFIGURAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL

É indiscutível a centralidade que o trabalho ocupa na vida do ser humano e a importância que assume na construção do sujeito e do meio social. Está na base de toda sociedade, estabelecendo as formas de relação entre os indivíduos, entre as classes sociais, criando relações de poder e propriedade e determinando o

ritmo do cotidiano (ALBORNOZ, 1994).

A possibilidade de sobrevivência é possível através das atividades laborais que o homem desenvolve e que lhe dá a garantia do sustento. Além disso, essas atividades são capazes de modificar a realidade e propiciar às pessoas sua realização pessoal, aspecto que concedeu ao trabalho um status de transformador, influenciando em várias esferas da vida do sujeito e interferindo na sua condição econômica, social, política, cultural e até mesmo psíquica (MALVEZZI, 2004).

Além de garantir a satisfação das necessidades básicas do homem, o trabalho cria sentidos existenciais e contribui para a estruturação da identidade e da subjetividade. É integrador e possibilita ao ser humano reconhecer-se enquanto indivíduo e ser social (TOLFO E PICCININI, 2007).

Apesar desse novo olhar acerca do entendimento sobre a centralidade que o trabalho ocupa na vida do indivíduo, um novo contexto apresenta-se atualmente para o trabalhador. O processo de globalização, as inovações tecnológicas, o aumento da

competitividade, a reestruturação produtiva e a flexibilização das relações de trabalho são alguns dos fenômenos que acarretaram uma série de transformações das mais diversas ordens e estão relacionados com as alterações do cenário laboral (TOLFO E PICCININI, 2007).

Vive-se hoje imerso em um mundo de incertezas. Os fenômenos deixam de ser previsíveis e cedem espaço à natureza mutável e fortuita. A carreira já não é mais construída de forma cumulativa e estável, perdendo-se a perspectiva de compromisso duradouro com o local de trabalho. Além disso, essa instabilidade impõe aos trabalhadores a necessidade de serem polivalentes, altamente qualificados e adaptáveis às circunstâncias, fazendo com que as pessoas busquem constantemente alternativas para sobreviverem e se adaptem às frequentes mudanças, aos riscos e ao curto espaço de tempo imposto pelo novo modelo (SENNET, 2008).

Há uma demanda por profissionais complexos, que saibam mais do que realmente precisam para desempenhar suas atividades, levando as pessoas a

dispenderem todos seus esforços na busca dessa adaptação, a fim de assegurar seu lugar no mundo do trabalho. O trabalhador torna-se flexível e competitivo, dando origem a um novo tipo de caráter caracterizado pelo homem motivado e decidido a provar seu valor moral pelo trabalho, deixando de possuir um vínculo com sua própria família (SENNET, 2008).

Na mesma linha de pensamento, Malvezzi (2004) pontua que as pessoas passaram a ser mais exigidas, sendo esperado que aprendam e tenham capacidade e habilidades em curto período de tempo ou até mesmo que sejam alteradas as suas identidades. São frequentemente solicitadas a se ajustarem ao ambiente em transformação, competitivo e instável, sendo convocadas a um recorrente ajustamento à realidade.

No mundo globalizado tudo é feito para durar pouco e ser descartável. Os produtos são cada vez menos duráveis, os empregos são temporários e os vínculos menos sólidos, seguindo a dinâmica de curto prazo. O trabalhador flexibilizado do capitalismo mais recente, muda de emprego

constantemente, passa por mudanças frequentes de endereço, não estabelece laços duráveis de afinidade com os vizinhos e não planeja suas metas a partir de expectativas de longo prazo, vivendo uma vida de incertezas e de falta das relações humanas e de objetivos duráveis. Tudo isso corrompendo o caráter, pois este depende de tempo para se consolidar e depende do outro para ser construído, permitindo nos situar dentro de um meio social (SENNET, 2008).

Assim, o neoliberalismo e a reestruturação produtiva sob a forma de um processo de acumulação flexível têm acarretado inúmeras consequências desastrosas como as altas taxas de desemprego, intensificação do ritmo de trabalho, crescimento do trabalho temporário e de tempo parcial, polarização em termos de qualificação e para os que permanecem no emprego a chamada “síndrome dos sobreviventes”, angústia e medo, sentimentos que acompanham os não demitidos. Essa enorme precarização e crescente degradação do trabalho culminam em um processo destrutivo, gerando uma imensa sociedade dos

excluídos e precarizados (ANTUNES, 1998).

Segundo Antunes (1998), a desestrutura do trabalho (desregulamentação, flexibilização, terceirização) é oriunda de uma lógica societal onde o capital vale muito e a força humana de trabalho só conta enquanto parcela imprescindível para a reprodução deste mesmo capital. Destruí-se a força humana que trabalha; destrói-se os direitos sociais; brutalizam-se enormes contingentes de homens e mulheres que vivem do trabalho.

3 O PROCESSO DE TRANSFERÊNCIA NO EMPREGO

Em meio a essa nova realidade aparecem, cada vez com maior frequência, os processos de transferência no emprego, de migração e expatriação que conduzem os indivíduos e as famílias a situações de deslocamentos e mudanças de cidade, alterando toda sua dinâmica de vida e afastando-os de suas origens, cultura, costumes, familiares e amigos. A mobilidade dentro de e entre sociedades está cada vez mais recorrente

(PHINNEY, 2004) e muitas pessoas, ao contrário daquelas que passam suas vidas inseridas em uma sociedade onde foram criadas, migram de um lugar para outro e passam a viver em outro local que não aquele onde cresceram (BERRY, 2004).

Diniz e Coelho (2007) referem que a globalização e os processos de urbanização desencadearam, ao longo de todo século XX, vários movimentos de migração decorrentes da busca de oportunidades de trabalho, de realização financeira e pessoal e de melhoria das condições de vida. A construção de Brasília, por exemplo, atraiu um grande contingente de migrantes, que vieram de diversas partes do país e pertenciam a variados níveis educacionais e classes sociais. Moré e Queiroz (2007) relatam que no caso de Florianópolis, as migrações inicialmente ocorriam principalmente devido à busca de melhorias na situação financeira e que nos últimos anos, a migração de famílias com poder aquisitivo econômico de mediano a alto tem sido cada vez mais comum.

Já o número de executivos vivendo e trabalhando em países estrangeiros aumentou

consideravelmente em decorrência da globalização, que ocasionou um crescente movimento de fusões, aquisições, alianças estratégicas e *joint ventures* de empresas multinacionais e transnacionais (SHEPHARD, 1996 apud PEREIRA, PIMENTEL E KATO, 2005).

Verifica-se assim que alguns migrantes realizam esse processo de deslocamento devido a necessidades decorrentes de conflitos políticos e étnicos ou devido a secas, doenças, fome, entre outros fatores, mudando-se de cidade, estado ou país à procura de melhores condições. Outros mudam por opção e não devido a contingências econômicas, políticas ou sociais. No entanto, independentemente dos motivos, todos passam por essa transformação e necessidade de readaptação (DINIZ E COELHO, 2007).

4 OS IMPACTOS PARA A FAMÍLIA

A família é a matriz da aprendizagem do ser humano e primeira mediadora entre o sujeito e a cultura. Contribui para a construção individual e coletiva e

para os processos de socialização, atuando como espaço que introduz o indivíduo nas relações. Através de seus significados e práticas, exerce as funções de protetora e provedora das necessidades básicas de sobrevivência, além de auxiliar no desenvolvimento cognitivo e afetivo do ser humano (DESSEN E POLONIA, 2007).

Consoante a essa compreensão, Carvalho e Almeida (2003) apontam que a família é considerada não só a base para o indivíduo sobreviver, mas também serve à transmissão cultural, do capital econômico e propriedade do grupo e ao cuidado e socialização de seus membros.

Representando a forma tradicional de viver em uma instância mediadora entre indivíduo e sociedade, a família operaria como espaço de produção e transmissão de pautas e práticas culturais e como organização responsável pela existência cotidiana de seus integrantes, produzindo, reunindo e distribuindo recursos para a satisfação de suas necessidades básicas (CARVALHO E ALMEIDA, 2003).

É na família que se absorvem regras de conduta e leis para que as pessoas possam conviver em sociedade, e é nela que os indivíduos encontram um porto seguro, onde podem conversar com os familiares sobre coisas que os afligem e encontrar energia para que possam enfrentar os desafios que encontram no dia-a-dia (JUNQUEIRA E GERA, 2008). Pode funcionar assim como amortecedor de crises e mecanismo de proteção de seus componentes, que recorrem a ela particularmente nas situações de adversidades (CARVALHO E ALMEIDA, 2003).

No caso específico acerca dos fenômenos de expatriação, percebe-se que a família é uma fonte fundamental de força que auxilia no ajustamento do expatriado, que precisa construir um espaço de convivência com a nova cultura. Desempenha desta forma, um papel importante tanto para sua adaptação, quanto para o sucesso da missão para a qual foi designado (PEREIRA, PIMENTEL E KATO, 2005).

Segundo Pereira, Pimentel e Kato (2005), essas pessoas, que precisam mudar de país em função do trabalho, esbarram na

necessidade de se adaptarem social e culturalmente à nova situação. Porém, não é só o expatriado que sofre com a mudança, mas também o cônjuge e os filhos, que igualmente sofrem um choque de cultura e precisam se ajustar às mudanças bruscas dessa nova realidade. Então, ao mesmo tempo em que a família serve de apoio e assume função importante nos processos de adaptação, ela também é alvo das interferências e é afetada pelas mudanças produzidas pelos deslocamentos.

Através de uma pesquisa realizada a fim de compreender como o trabalho influencia a vida de micro-empresários e suas famílias, Junqueira e Gera (2008) evidenciaram que, além do trabalhador, os seus familiares também podem sofrer impactos produzidos pelas exigências que a vida profissional impõe. Grande parte dos entrevistados havia levado uma vida acelerada no trabalho, o que trouxe reflexos prejudiciais à relação com os filhos e à convivência do casal.

O processo de migração passa, então, a ser vivenciado como estressor, uma vez que gera impactos sobre a saúde e

qualidade de vida do sistema familiar, afetando os padrões habituais de funcionamento biológico e emocional (MORÉ E QUEIROZ, 2007). Em síntese, a migração é um fenômeno complexo, que atinge a pessoa e suas relações. De um lado, ela resulta em ganhos de uma nova realidade e reconstrução de vida e de relacionamentos sociais. De outro, implica em perdas dos vínculos, das raízes e do contexto cultural ao qual a pessoa estava inserida, podendo gerar sofrimento, estresse e isolamento, bem como conflitos, redefinição de papéis e reorganização da estrutura familiar (DINIZ E COELHO, 2007).

Além de interferir na dinâmica e nas relações familiares, na saúde e qualidade de vida dos indivíduos, toda essa situação envolve e requer o redimensionamento de várias esferas da vida dos membros da família, que precisam realizar vários ajustes frente à mudança de local de residência, como a reorganização da carreira do cônjuge, adaptação dos filhos a trocas de escola, reconfiguração dos vínculos sociais, entre outras.

5 A TRANSFERÊNCIA E SUAS IMPLICAÇÕES NA CARREIRA DO CÔNJUGE

Silva (2008) realizou um estudo procurando identificar como as esposas de militares realizam seus projetos diante das constantes mudanças decorrentes das transferências dos maridos. Constatou que a grande mobilidade dificulta à mulher a constituição de uma carreira profissional, uma vez que interfere na conclusão dos estudos ou na permanência em atividades remuneradas. Diante disso, várias delas recorrem a trabalhos manuais, abrindo mão de seus sonhos de ter uma profissão em detrimento do trabalho do marido e da unidade familiar.

No livro *Caminhando com Estrelas... Contos e Crônicas*, Carvalho (2008) reúne depoimentos sobre experiências de mulheres de militares que relatam passagens de suas vidas. Através de fatos pessoais, descrevem alegrias e tristezas, momentos bons e dificuldades que passaram durante suas caminhadas acompanhando os maridos. Em relação à adaptação de suas profissões, os discursos mostram, que devido às constantes

transferências, as mulheres tinham dificuldade de estudar ou de encontrar emprego e, na maioria das vezes, permaneciam administrando a casa e cuidando dos filhos. Envolviam-se, quando muito, em atividades artesanais, trabalhos voluntários e beneficentes, servindo de suporte e apoio no acompanhamento da carreira do marido, que podem ser verificados através das seguintes falas:

“... fui com ele na ocasião. Sabia que era uma missão de confiança e importante em sua carreira, e tinha de apoiá-lo em todas as circunstâncias” (p. 44/45).

“Experimentei uma forte emoção ao participar daquela solenidade, porque senti o coroamento de sua carreira e, porque não dizer, a confirmação de tantos sonhos que ajudei a tornar realidade!” (p. 57).

Nestes casos, vê-se que o companheirismo e o apoio afetivo das mulheres servem de suporte para a trajetória profissional do cônjuge, reproduzindo um modelo de estrutura familiar tradicional, no qual a mulher abdica de sua carreira e projetos pessoais para cuidar da casa e dos filhos enquanto o homem trabalha para

sustentar o lar (SILVA, 2008).

6 OS VÍNCULOS SOCIAIS FRENTE ÀS MUDANÇAS

Outro fator importante que sofre influência da migração é a ruptura *versus* construção de redes sociais significativas. Para Brito e Koller (1999), a rede de apoio social se define como o conjunto de sistemas e pessoas significativas que fazem parte dos relacionamentos do indivíduo, compondo os vínculos e contatos sociais que as pessoas estabelecem em seu ambiente. Essas redes possuem importante contribuição na vida do sujeito, visto que permitem o desenvolvimento emocional e social e a obtenção de recursos para a satisfação, bem-estar e saúde mental, auxiliando na adaptação dentro de sua cultura. Além disso, possibilitam à pessoa desenvolver estratégias mais adaptativas para lidar melhor diante de situações de estresse e oferecem apoio emocional, instrumental e material, amenizando os efeitos negativos provindos de situações adversas.

No entanto, a transferência de cidade pressupõe o afastamento

de familiares, amigos, vizinhos, colegas de escola e outros contatos que a pessoa mantinha na antiga condição e, segundo Moré e Queiroz (2007) ocorre ainda a quebra de estrutura cultural de significados do contexto de origem, como os valores culturais, crenças religiosas, identidade grupal e rituais.

Em *L'invention des origines: sociologie de l'ancrage identitaire*, Elsa Ramos (2006, apud Borges, 2009) refere que as pessoas criam suas referências e suas formas de ancoragem, que possibilitam certa autonomia e oportunidade de definir e redefinir sua trajetória biográfica. Dito de outro modo, as ancoragens são referências que se guarda dos lugares, vivências e pessoas significativas, construídas a partir do que é identificado como sua origem, possuindo, portanto, sentidos pessoais. No caso da mudança de cidade não haveria necessariamente o rompimento com as origens, visto que o indivíduo pode guardar suas referências à distância. Contudo, esse deslocamento certamente implicará na necessidade de reformulação desses laços com as pessoas e os lugares do passado.

Em sua pesquisa com famílias de militares, Silva (2008) evidencia que as constantes mudanças de residência distanciam as pessoas de seus parentes, que encontram nas outras famílias da vila militar um suporte social. Relações de solidariedade e reciprocidade são intrínsecas ao modelo militar, que é marcado pelos princípios de hierarquia, disciplina e espírito corporativo. Desta forma, sentimentos de união, camaradagem e coletividade, que caracterizam a grande “família militar”, servem como um movimento de integração e de apoio aos recém-chegados, auxiliando na sua adaptação e vida longe de familiares, amigos e conhecidos da antiga cidade.

A partir dos relatos encontrados em *Caminhando com Estrelas... Contos e Crônicas* (2008), pôde-se perceber muitos aspectos comuns no discurso de várias mulheres. As constantes mudanças de cidade, em consequência das transferências dos maridos, apresenta-se como ponto recorrente no decorrer de toda a obra. Algumas delas expõe as vantagens de se conhecer novos lugares, culturas e pessoas diferentes como aspecto positivo

dessa realidade. No entanto, evidenciam também as dificuldades de deixarem suas famílias, amigos e local de origem, assim como a necessidade de adaptação às novas condições. A rotatividade por vários lugares dificultava a consolidação de amizades, que se restringiam ao círculo militar.

7 A QUESTÃO DA IDENTIDADE

De acordo com Phinney (2004), assim como as mudanças que ocorrem durante o desenvolvimento individual, as mudanças que acontecem na sociedade também podem conduzir a uma crise identitária. A exposição diante de valores, culturas, religiões e estilos de vida diferentes que o processo de migração impõe, faz emergir, para os indivíduos, os questionamentos sobre os próprios valores e normas, sobre o lugar ao qual efetivamente pertencem, sobre a sua identidade. O autor comenta que “uma identidade de grupo é muito mais do que um rótulo ou que uma designação categórica. Ela inclui tanto um sentido de pertencer a um grupo como também as atitudes e os

sentimentos que acompanham ser membro do grupo” (PHINNEY, 1990 apud PHINNEY, 2004, p. 49).

Na visão de Coutinho, Krawulski e Soares (2007), a construção das identidades individuais e coletivas na sociedade contemporânea é diferenciada em relação à forma como ocorria no passado. Hoje, vive-se uma realidade marcada por características de efemeridade, transitoriedade e descontinuidade, exigindo que as pessoas se identifiquem constantemente com o novo, diferentemente do século anterior que possibilitava laços mais duradouros, aspectos de fidelidade e continuidade. Reafirmam que o processo identitário continua a se constituir e, mesmo imerso em uma dimensão transitória e efêmera, o sujeito busca reescrever sua trajetória de vida e procura construir uma história que faça sentido para ele próprio e para o mundo que o cerca.

8 ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

Conforme Mota, Franco e Motta (1999), as pessoas e as

famílias passam por diversos eventos importantes e mudanças de vida, que podem ser vivenciados como situações estressantes, com possibilidade de interferir de forma significativa sobre a saúde desses indivíduos. Algumas características dos migrantes assumem uma função importante para o estudo da relação entre os processos de migração e a saúde do sujeito, ou seja, os riscos e as suscetibilidades aos problemas de saúde podem ser modelados por alguns fatores individuais, tais como idade, sexo e raízes étnicas. Embora esses aspectos sejam irrelevantes para a compreensão do processo migratório no seu significado social, podem servir de subsídios para o entendimento da dinâmica saúde-doença.

Além do mais, as razões que levaram a pessoa ou a família se deslocar poderiam ser traduzidas em expectativas e crenças que certamente repercutirão sobre elas (Mota, Franco e Motta, 1999). Por isso, é importante considerar que as circunstâncias reconhecidas como estressantes e os significados que o sujeito atribui aos fatos e às mudanças constituem dois fatores que influenciarão no

modo como os indivíduos reagirão às situações e têm sido associados ao risco de natureza psicológica (MOTA, FRANCO E MOTTA, 1999).

Seguindo a mesma ideia, Franken, Coutinho e Ramos (2009) falam em subjetividade do bem-estar para evidenciar a importância dos processos internos individuais na definição do sentir-se bem. Referem que a sensação de bem-estar não está apenas relacionada às condições sociodemográficas como estado civil, idade, sexo, renda e etnia, depende também da estrutura interna de cada indivíduo, que delineará a forma de perceber e internalizar os eventos externos, refletindo na autoavaliação do seu estado e da sua qualidade de vida. Deste modo, as formas de expressão e manifestação estarão vinculadas às experiências de cada um dos participantes e vivências de ordem pessoal e social.

Juntamente com a noção de que os recursos individuais e os significados concedidos pelas pessoas a essas situações são elementos que influenciam no modo de ajustamento, a maneira como os deslocamentos e mudanças se dão também se tornam pontos a serem

considerados. O processo de mobilidade pode ser bem ou mal sucedido, dependendo se foi realizado a partir de uma escolha ou de modo forçado, se foi apoiado ou condenado pela rede social, o que pode favorecer ou prejudicar a busca de recursos internos e externos para enfrentamento das situações adversas (DINIZ E COELHO, 2007). Além do mais, as condições econômicas do migrante e a população hospedeira podem contribuir ou dificultar no seu ajuste ao novo lugar, trazendo consequências diretas para sua saúde física e psíquica (MOTA, FRANCO E MOTTA, 1999).

Segundo Pereira, Pimentel e Kato (2005), existem algumas condições que contribuem para a adaptação das esposas dos expatriados. Os fatores individuais, que incluem a eficácia social e auto-eficácia em geral, assim como a fluência na língua e as mudanças na condição de emprego (carreira) são importantes na definição de um ajustamento adequado ou não. Da mesma forma, os fatores ambientais, como a diferença entre a cultura do país de origem e do país hospedeiro; os aspectos legais, demográficos, políticos,

econômicos e sociais desse novo país e seus estilos cognitivos e psicossociológicos, com seu sistema de valores, crenças e padrões de comunicação dominante, constituem elementos que determinam este processo. E por fim, os fatores de relacionamento interpessoal, que perpassam pelos relacionamentos familiares e pelas redes de relacionamentos sociais, configuram-se como condições essenciais para a adaptação.

Concernente à importância do papel que as relações estabelecidas pelo indivíduo adquirem nos momentos de crise, Brito e Koller (1999) também enfatizam que em situações de adversidades, mudanças e dificuldades, cresce a necessidade do apoio social e afetivo. A convivência e os vínculos ajudam no fortalecimento do indivíduo e no resgate do seu bem-estar, oferecendo condições ao sujeito de manejar os fatores de risco que podem estar presentes e de produzir respostas mais adaptativas a fim de enfrentar essas questões.

Outro aspecto importante está vinculado à ideia de equilibrar a antiga e a nova situação. Berry

(2004) destaca que o bem-estar psicológico está intimamente associado à integração como estratégia de aculturação, na qual existe o apego à cultura herdada, mas também à nova condição, trazendo a sensação de pertencimento a ambas. Assim, é preciso que ocorra a intenção de se manter a cultura original, ao mesmo tempo em que haja o desejo de interação com outros grupos. Como resultado desse contato, pode haver a mudança de comportamento, de hábitos, rotinas e até mesmo de valores, que advém do desprendimento e redução de uma forma de viver para a aprendizagem e assunção de formas substitutas.

Retomando a compreensão de ancoragem mencionada por Ramos (2006, apud Borges, 2009) a autora pontua que essas referências individuais definirão, em grande parte, as experiências que serão vividas frente às mudanças. Elas impulsionarão ou restringirão a mobilidade do indivíduo, servindo, portanto, como sustentação à coerência identitária, possibilitando uma estabilização provisória nas mudanças e a estruturação da pessoa longe da família e cidade

onde vivia.

9 CONCLUSÃO

A difusão das novas tecnologias, o processo de globalização e o aumento da competitividade entre as empresas foram alguns dos principais fatores que contribuíram para as mudanças nas relações de trabalho. Mais do que fonte de sustento, o trabalho é considerado um lugar de busca de satisfação, valorização e de realização de desejos, permitindo assim, a construção da identidade pessoal e social.

Neste sentido, na busca pela realização e por melhores condições de vida, muitos profissionais acabam se deparando com determinadas situações, entre elas, os processos de transferência no emprego, alterando assim, sua dinâmica de vida e, conseqüentemente, a dinâmica interna familiar.

O fato é que, para a família, a constante mobilidade pode ocasionar tanto eventos positivos quanto negativos. Assim como propicia novas experiências e oportunidades de aprendizagem, pode gerar situações de crise, repercutindo na saúde e qualidade

de vida dos indivíduos, a depender da forma como cada um enfrenta os obstáculos que se apresentam. Diante disso, surgem novos desafios para todos os membros da família, que precisam se adaptar socialmente, interagir com aspectos da cultura local e conviver com comportamentos e hábitos diferentes do seu local de origem, fazendo emergir os questionamentos sobre os próprios valores e normas, bem como sobre a que lugar efetivamente pertencem.

Em síntese, há todo um conflito de crenças e valores que pode dar margem a dúvidas sobre a própria identidade, e tudo isso fica evidente quando a família tem que enfrentar tantos estímulos frente ao novo contexto. Fazer comparações entre o local de origem e a nova condição poderá trazer sofrimentos desnecessários, uma vez que o indivíduo pode prender-se apenas aos aspectos que considerava bons e que não gostaria de deixar para trás, enquanto discrimina e menospreza os aspectos da nova realidade, dificultando o processo de adaptação.

Como desafio, cabe ressaltar a importância das empresas na

busca de soluções compartilhadas que possam minimizar os efeitos negativos dos processos de transferência, criando ações que contribuam para o ajuste e adaptação do funcionário transferido e de sua família, auxiliando também os cônjuges que, muitas vezes, deixam para trás o trabalho remunerado e necessitam readequar sua carreira na busca de uma nova inserção profissional.

Referências

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho**. São Paulo: Cortez, 1998.

BERRY, John W. Migração, Aculturação e Adaptação. In DEBIAGGI, Sylvia Dantas; PAIVA, Geraldo José de (orgs). **Psicologia, e/ imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

BORGES, Carolina de Campos. Origem familiar e origem de si mesmo: arranjos possíveis. **Psicol. clin.**, Rio de

Janeiro, v. 21, n. 1, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652009000100014&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em 21 Ago. 2010.

BRITO, Raquel Cardoso; KOLLER, Sílvia Helena. Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. In CARVALHO, Alysso Massote (org). **O mundo social da criança: natureza e cultura em ação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de; ALMEIDA, Paulo Henrique de. Família e proteção social. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 17, n. 2, Junho 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392003000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Ago. 2010.

CARVALHO, Marilu (org). **Caminhando com Estrelas... Contos e Crônicas**. Brasília: Thesaurus, 2008.

COUTINHO, Maria Chalfin; KRAWULSKI, Edite; SOARES, Dulce Helena Penna. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis.

Psicol. Soc., Porto Alegre, v. 19, n. spe, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 Ago. 2010.

DINIZ, Gláucia; COELHO, Vera. Gênero, migração e saúde mental: dimensões de mulheres nordestinas no Distrito Federal. In FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (org). **Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

FRANKEN, Ieda; COUTINHO, Maria da Penha de Lima; RAMOS, Natália. Migração e qualidade de vida: um estudo psicossocial com brasileiros migrantes. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 26, n. 4, Dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2009000400002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06 Ago. 2010.

JUNQUEIRA, Gabriel Pogetti; GERA, Maria Zita Figueiredo. As relações nas famílias de micro-empresários de Franca-SP. Anais do 4º Congresso Brasileiro de Sistemas – Centro Universitário de Franca Uni-FACEF – 29 e 30 de outubro de 2008.

MALVEZZI, Sigmar. Prefácio. In ZANELLI, José Carlos; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo; BASTOS, Antonio Virgílio Bittencout (orgs). **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MORÉ, Carmem Leontina Ojeda Ocampo; QUEIROZ, Ângela Hering de. Migração, movimento e transformação: irrupção do novo nas relações familiares. In CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira (org). **Família em movimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MOTA, Eduardo Luiz Andrade; FRANCO, Anamélia Lins e Silva; MOTTA, Mirella Cardoso. Migração, estresse e fatores psicossociais na determinação da saúde da criança. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06 Ago. 2010.

PEREIRA, Neuri Amabile Frigotto; PIMENTEL, Ricardo; KATO, Heitor Takashi. Expatriação e estratégia internacional: o papel da família como fator de equilíbrio na adaptação do

expatriado. **Rev. adm. contemp.**, Curitiba, v. 9, n. 4, Dez. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-552005000400004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Ago. 2010.

PHINNEY, Jean S. Formação da identidade de grupo e mudança entre migrantes e seus filhos. In DEBIAGGI, Sylvia Dantas; PAIVA, Geraldo José de (orgs). **Psicologia, e/imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SENNET, Richard. **A corrosão do caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 13ª. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVA, Fernanda Chinelli Machado da. Mulheres de militares: família, sociabilidade e controle social. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008. Disponível em http://fenix2.ufrj.br:8991/F/79GXRY4EMI9F5S973ECD5FUMQRTLJU25DKT TX 2 1 7 M I Y N 8 2 H Q 3 9 3 - 1 3 3 5 9 ? f u n c = f i n d - c & c c l _ t e r m = F e r n a n d a + S i l v a & l o c a l _

_base=PPGAS&x=27&y=11 Acesso em 30 jul. 2010.

SZYMANSKI, Heloisa. Teorias e “teorias” de famílias. In CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org). **A Família Contemporânea em Debate**. São Paulo: EDUC / Cortez, 2003.

TOLFO, Suzana da Rosa; PICCININI, Valmíria. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. spe, 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 27 nov. 2009.